

que exigiam de si mesmo *serem* sábios, eram absurdos ao afirmar serem felizes quando queimados vivos dentro do famoso Touro de Falera. E não menos absurda é a exigência cristã de *ser* bom e oferecer a outra face, quando não é tomada como metáfora mas posta em prática como modo real de vida.

Termina aqui, porém, a semelhança entre as atividades inspiradas no amor à bondade e no amor à sabedoria. É verdade que ambas se opõem, de certa forma, à esfera pública; mas o caso da bondade é mais extremo neste particular, e portanto é mais relevante em nosso contexto. Só a bondade deve esconder-se de modo absoluto e evitar qualquer publicidade, pois do contrário é destruída. Mesmo quando o filósofo decide, com Platão, deixar a «caverna» dos negócios humanos, não precisa esconder-se de si mesmo; pelo contrário, sob a luz forte das idéias não apenas encontra a verdadeira essência de tudo quanto existe, mas também se encontra a si próprio no diálogo entre «eu e eu mesmo» (*eme emauto*), no qual Platão aparentemente via a essência do pensamento.<sup>84</sup> Estar em solidão significa estar consigo mesmo; e, portanto, o ato de pensar, embora possa ser a mais solitária das atividades, nunca é realizado inteiramente sem um parceiro e sem companhia.

O amante da bondade, porém, jamais pode permitir-se viver uma vida solitária; e, no entanto, a vida que ele passa na companhia dos outros e por amor aos outros deve permanecer essencialmente sem testemunhas; falta-lhe, acima de tudo, a companhia de si próprio. Não é um homem solitário, mas isolado; embora conviva com outros, deve ocultar-se deles e não pode ao menos permitir-se a si mesmo ver o que está fazendo. O filósofo sempre pode contar com a companhia dos pensamentos, ao passo que as obras não podem ser companhia para ninguém: devem ser esquecidas a partir do instante em que são praticadas, porque até mesmo a memória delas destrói sua qualidade de «bondade». Além disto, o ato de pensar, por poder ser lembrado, pode cristalizar-se em pensamentos; e os pensamentos, como todas as coisas que devem sua existência à memória, podem ser transformados em objetos tangíveis que, como a página escrita ou o livro impresso, se tornam parte do artifício humano. As boas obras, por deverem ser imediatamente esquecidas, jamais podem tornar-se parte do mundo; vêm e

84. Encontra-se esta expressão aqui e ali em Platão (veja-se esp. *Górgias* 482).

vão sem deixar vestígios; e positivamente não pertencem a este mundo.

É este caráter extramundano das boas obras que faz do amante da bondade uma figura essencialmente religiosa e torna a bondade, como a sabedoria na antiguidade, uma qualidade essencialmente inumana e sobre-humana. E, no entanto, o amor à bondade, ao contrário do amor à sabedoria, não se limita à experiência de poucos, da mesma forma que o isolamento, ao contrário da solidão, está ao alcance da experiência de todos os homens. Em certo sentido, portanto, a bondade e o isolamento têm muito mais relevância para a política que a sabedoria e a solidão; mas somente a solidão pode vir a ser um autêntico modo de vida na figura do filósofo, ao passo que a experiência muito mais geral do isolamento está em tal contradição com a condição humana da pluralidade que simplesmente não pode ser suportada durante muito tempo: requer a companhia de Deus, a única testemunha admissível das boas obras, para que não venha a aniquilar inteiramente a existência humana. A extraterrenidade da experiência religiosa, na medida em que é realmente a experiência do amor no sentido de atividade — e não a outra, muito mais freqüente, de passiva observação de uma verdade revelada — manifesta-se dentro do próprio mundo; como todas as outras atividades, permanece neste mundo e tem que ser realizada dentro dele. Mas essa manifestação, embora ocorra no espaço no qual outras atividades são realizadas — e dependa desse espaço — é de natureza ativamente negativa; por fugir do mundo e esconder-se de seus habitantes, nega o espaço que o mundo oferece aos homens e, principalmente, aquela região pública desse espaço onde tudo e todos são vistos e ouvidos por outros.

Como modo sistemático de vida, portanto, a bondade não é apenas impossível nos confins da esfera pública; pode até mesmo destruí-la. Talvez ninguém tenha percebido tão claramente essa qualidade destrutiva da bondade quanto Maquiavel que, em famosa passagem, tem a ousadia de ensinar aos homens «a não serem bons».<sup>85</sup> Não é preciso acrescentar que ele não disse nem pretendia dizer que se deva ensinar aos homens a serem maus; o ato criminoso, embora por outros motivos, deve também procurar não ser visto nem ouvido por outros. O critério com que Maquiavel julgava a ação política era a glória, o mesmo critério da antiguidade clássica; e a maldade, como a bondade, não pode assumir o resplendor da

85. *O Príncipe*, cap. 15.